

À esquerda, mas sem Lula

Marcos Ramos

Publicado no Jornal A Gazeta, março de 2018

Na metade dos anos 40, depois da passagem pelo Partido Comunista e quatro anos na prisão, a escritora Patrícia Galvão, a Pagu, anotou: "...o homem nascido no Brasil, em Cuba, na China ou na Rússia, nestes tempos, não tem necessidade de nenhum 'pai dos pobres', de nenhum 'paizinho', quer se chamem Getúlio Vargas ou Ióssif Stálin". Sem se alinhar aos discursos polarizados, em uma série de publicações, e mais tarde no livro Verdade e Liberdade (1950), Pagu se dirigiu à direita e à esquerda combatendo o culto à personalidade e toda e qualquer relação idolátrica. São textos contundentes que denunciam insistentemente um dos nossos cânceres. No entanto, mais de cinquenta anos depois, o problema apontado por Pagu permanece não resolvido: a paternidade é imperativo político e sintomático, problema de categoria ideológica e psicanalítica.

E em nome de uma indignação moral, parte da esquerda cultivou com paciência este sintoma, mas agora se viu paralisada por uma metástase. Lula esta fora. E a considerar pelo atual cenário, qualquer poste lulista que chegar ao segundo turno perde para o Bolsonaro. Haddad, por exemplo, dentro de casa (São Paulo), não tem 20% dos eleitores. Se as coisas não mudarem significativamente, o filme acaba trágico: Alckmin se torna uma possibilidade de neutralização do candidato militar, e parte da esquerda, que vê a si mesma como estratégica, deposita seu voto nele e entoa um lastimável "graças a Deus!"; enquanto a outra parte, mais radical, brada aos quatro cantos (das redes sociais) sua oposição ao voto útil. Será tarde, perderemos de qualquer maneira.

A imagem de jovem mãe aguerrida construída pelos esforços da deputada estadual, youtuber e candidata à presidência Manuela D'Ávila (PCdoB) não são suficientes para pleitear o Planalto. O que é lamentável. Mas em um país sexista como o Brasil, nem pegando uma carona nas reformas do Flávio Dino ela ganha credibilidade. Boulos (Psol) também não tem chances. Se tivesse matado o pai na hora certa, poderia ser uma liderança, mas não o fez. O mais apropriado agora é se lançar como Deputado Federal e fortalecer a base no Congresso. Enfim, a esquerda viúva do Lula, e sem um real candidato ao Planalto, vai se limitar ao debate eleitoral e aos esforços de desidratação do Bolsonaro? Isso é muito pouco.

Mas há uma chance de entrar no páreo e ela se chama Ciro Gomes. Em um exercício de futurologia da tragédia anunciada, uma aliança entre o candidato do PDT e Haddad poderia salvar o segundo turno de uma decisão entre o Alckmin e o Bolsonaro. O xadrez eleitoral é complicado, mas de qualquer modo é preciso fazer a mea culpa e admitir que já perdemos. Chamem o Freud.